

A GEOGRAFIA MODERNA E A CONTRIBUIÇÃO DE ALEXANDRE VON HUMBOLDT E DE KARL RITTER

META

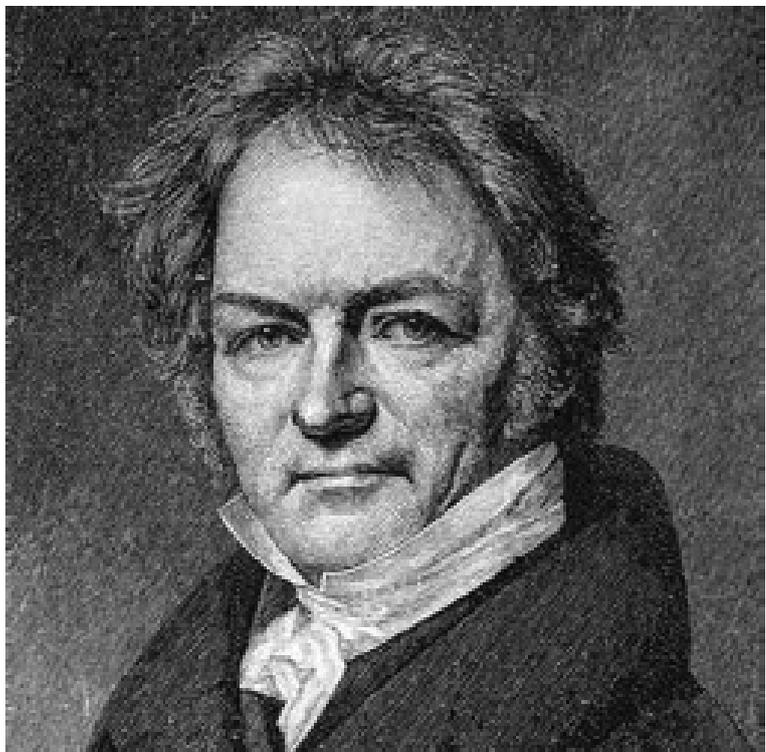
Perceber a contribuição de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter para o pensamento geográfico moderno.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender a importância do pensamento de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter para a Geografia Moderna.

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e, considerando ainda que este texto foi criado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça uma releitura da aula anterior e da bibliografia indicada no final desta aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.

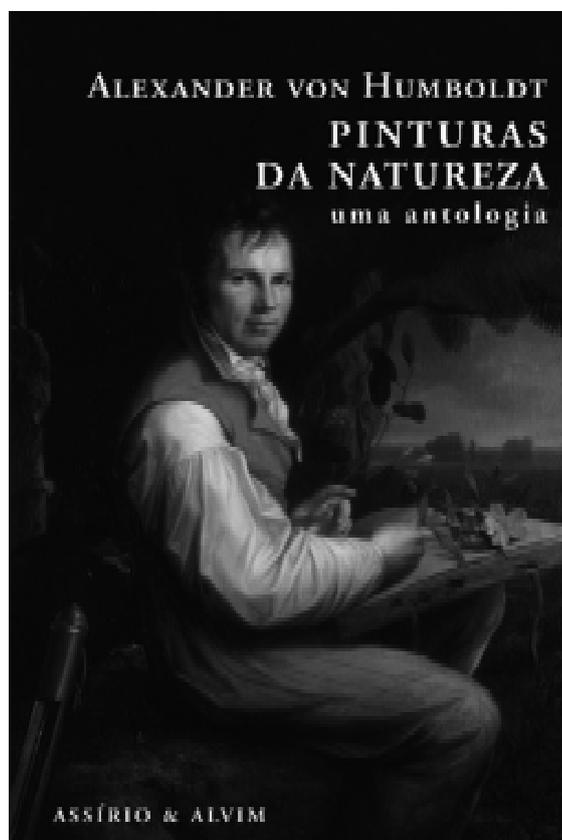


Karl Ritter
(Fonte: www.biografiasyvidas.com).

INTRODUÇÃO

Nesta aula ainda continuaremos a discussão em torno da Geografia nos tempos modernos, destacando a importância de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter para a consolidação do pensamento geográfico moderno.

Chamo a atenção para o fato de que embora vários autores tenham sido citados na bibliografia, os livros *Geografia: pequena história crítica*, de Antonio Carlos Robert de Moraes e *Geografia e modernidade*, de Paulo César da Costa Gomes, foram as principais referências para a elaboração desta aula.



pinturas da natureza
(Fonte: <http://www.assirioalvim.blogspot.com>).

A GEOGRAFIA MODERNA E A CONTRIBUIÇÃO DE ALEXANDRE VON HUMBOLDT E DE KARL RITTER

Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter eram prussianos e vivenciaram a atmosfera intelectual da Revolução Francesa. As primeiras colocações, a respeito de uma Geografia sistematizada ser constituíram a obra desses dois autores.

Humboldt possuía uma formação de naturalista e realizou inúmeras viagens. Seus principais livros são: *Quadros da Natureza e Cosmos*, ambos publicados no primeiro quartel do século XIX. Para explicitar melhor a abrangência do pensamento desse estudioso, recorro a Gomes (2007), que “[...] entendeu a importância de Buffon na concepção que Humboldt tinha da natureza como um conjunto orgânico, de Diderot na idéia de cadeia explicativa, e mesmo de Voltaire na idéia de uma causalidade histórica.” (GOMES, 2007, p. 152). Acrescentou que a atmosfera intelectual da Alemanha, durante o período de formação de Humboldt, era fortemente influenciada pelas idéias vindas da França.

Humboldt foi também contemporâneo de um movimento de ruptura com o Iluminismo, pois a sua geração,

[...] contou com numerosos nomes que fundaram justamente os movimentos de contestação ao primado do racionalismo científico. Schelling (1775-1861), Novalis (1772-1801), Fichte (1762-1814), A. W. Schlegel (1767-1845) e seu irmão, F. Schlegel (1772-1829), são os personagens centrais do anti-racionalismo e do Romantismo, pilares do idealismo alemão nascente. (GOMES, 2007, p. 152).

O autor observou ainda que “[...] um dos eixos fundamentais desta corrente [anti-racionalismo e do Romantismo] é a Filosofia da Natureza na qual é possível estabelecer um conhecimento independente da razão clássica, tal como era definida pelo Século das Luzes”. (GOMES, 2007, p. 153). A verdade é que “[...] este conhecimento é tido como proveniente da simples observação da natureza, e permite desvelar o sistema do mundo em que tudo está interconectado, e por consequência ascender à essência das coisas e à essência do espírito ele mesmo”. (GOMES, 2007, p. 153).

Todo o trabalho Humboldt aliava, ao mesmo tempo, o espírito enciclopedista e o esforço de síntese, característicos dos primeiros anos do século XIX. Seu principal projeto foi o de reunir todo um conjunto de informações sob uma mesma ordem sistemática, aí reside a sua importância para a Geografia, que vem do êxito deste trabalho de síntese, metodologicamente fundado.

A modernidade do pensamento de Humboldt reside no fato de que ele reuniu, de forma sistemática, as tradições das narrativas de viagens e das cosmografias num só conjunto lógico. Em sua obra, encontram-se também alguns dos principais elementos que definem a ciência moderna, a explicação por meio das generalizações e um método de observação submetido a critérios bem definidos. Desse modo, a Geografia proposta por Humboldt envolve, “[...] uma reflexão sobre o homem e uma reflexão sobre a natureza, sob um mesmo patamar de inteligibilidade. Por este programa, Humboldt legou à posteridade as bases de uma nova ciência, rica em tradições e, ao mesmo tempo, moderna e sistemática”. (GOMES, 2007, p. 162). Para a Geografia, ele realçou a sua importância, nos novos tempos, ao produzir um discurso e uma imagem coerente e científica do mundo moderno.

Karl Ritter entendeu que a Geografia é, principalmente, um estudo dos lugares, uma busca da individualidade destes e, sendo assim, deveria estudar os arranjos individuais, e compará-los. “Cada arranjo abarcaria um conjunto de elementos, representando uma totalidade, onde o homem seria o principal elemento”. (MORAES, 1986, p. 49). A ciência, nesse contexto,

[...] era uma forma de relação entre o homem e o “criador” (com uma dimensão interior de revelação), uma tentativa de aprimoramento das ações humanas, assim uma aproximação à divindade. Neste sentido, caberia à Geografia explicar a individualidade dos sistemas naturais, pois nesta se expressaria o desígnio da divindade ao criar aquele lugar específico. (MORAES, 1986, p. 49).

Ainda segundo Moraes(1986), o objetivo para Ritter, seria chegar a uma harmonia entre a ação humana e os desígnios divinos, manifestos na variável natureza dos meios. Assim, a ordem natural obedeceria a um fim previsto por Deus, a causalidade da natureza obedeceria à designação divina do movimento dos fenômenos. Deste modo, haveria uma finalidade na natureza, logo uma predestinação dos lugares. Compreender esta predestinação seria a tarefa do conhecimento geográfico.

O conhecimento geográfico seria uma forma de contemplação da própria divindade. Por esse entendimento, a proposta de Ritter é considerada antropocêntrica, pois o homem é o sujeito da natureza. É também considerada regional porque aponta para o estudo de individualidades, valorizando a relação homem-natureza. “Em termos de método, Ritter reforçou a análise empírica – para ele, é necessário caminhar de “observação em observação””. (MORAES, 1986, p. 49).

Buscando um outro olhar sobre Ritter, Gomes (2007) afirmou que um dos primeiros traços no pensamento desse filósofo, “é a busca de uma

ordem geral, de uma harmonia, que define a finalidade última de toda pesquisa. A tarefa fundamental da ciência é a de resgatar uma coerência metafísica a partir da organização geral da natureza, uma coerência que possa exprimir e explicar todas as causalidades particulares”. (GOMES, 2007, p. 65).

Vejamos, a partir desse propósito, o que caberia à Geografia:

[...] como domínio responsável pelo estudo da Terra em seu conjunto e das manifestações fenomenais, é a disciplina capaz de estabelecer a relação lógica entre o todo e suas partes. Segundo o raciocínio de Ritter, a simetria, a perfeição geométrica e a simplicidade funcional, percebidas pela botânica e pela biologia nas plantas e na anatomia dos animais, devem estar em correlação com a ordem e a harmonia da Terra tomada em seu conjunto. As leis dessa harmonia geral constituem o objeto fundamental da geografia. Se em todos os domínios dos três reinos (animal, vegetal e inorgânico) a coerência, a perfeição e a harmonia são características constantes, então, a Terra, mãe desse conjunto, por sua forma e por sua matéria, deve também exprimir esta mesma perfeição e harmonia. (GOMES, 2007, p. 165).

Ainda sob a ótica de Gomes (2007), para Ritter todo trabalho de pesquisa:

[...] deve começar pelo exame da combinação dos elementos originais, a água, a terra, o fogo e o ar. Toda matéria é constituída de proporções entre esses elementos. A proporcionalidade entre eles, assim como sua distribuição são manifestações da ordem geral e ao mesmo tempo signos que nos permitem reconhecer essa ordem. Por essa conduta, Ritter demonstra seu vínculo com a filosofia da Antiguidade e sua dívida para com a metafísica da escola de Mileto. (GOMES, 2007, p. 166).

Considerando a proposta do referido geógrafo, Gomes ressalta que talvez o pensamento do mesmo estivesse mais próximo do cartesianismo do que se supõe habitualmente, em primeiro lugar, uma busca de caução divina para fundar a racionalidade, o que coloca todo o problema da verdade na relação entre consciência e revelação e, em segundo lugar, poder-se-ia dizer que o Deus ritteriano é também geômetra, visto que ele manifesta sua vontade e mensagem através da perfeição lógica dos números.

CONCLUSÃO

Apesar das diferenças entre estas a Geografia de Ritter, regional e antropocêntrica, e a de Humboldt, que envolve todo o globo sem privilegiar o homem – os pontos coincidentes vão aparecer, para os geógrafos posteriores, como fundamentos inquestionáveis de uma Geografia unitária. Assim, esses autores criam uma linha de continuidade no pensamento geográfico até então inexistente. Além disso, há de se ressaltar o papel institucional, desempenhado por eles na formação das cátedras dessa disciplina, dando assim à Geografia uma cidadania acadêmica.



RESUMO

Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter eram prussianos e viveram na época da Revolução Francesa. Hoje, quando se fala a respeito de uma Geografia Moderna, sistematizada, as referências apontam para esses dois geógrafos.

Humboldt aliava, ao mesmo tempo, o espírito enciclopedista e o esforço de síntese, sendo que o seu principal projeto foi o de reunir todo um conjunto de informações sob uma mesma ordem sistemática.

Para Ritter a meta era chegar a uma harmonia entre a ação humana e os desígnios divinos, manifestos na variável natureza dos meios. Assim, o conhecimento geográfico seria uma forma de contemplação da própria divindade e o domínio responsável pelo estudo da Terra em seu conjunto e das manifestações fenomenais, é a disciplina capaz de estabelecer a relação lógica entre o todo e suas partes.



ATIVIDADES

1. De acordo com o texto, comente a importância de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter, para o pensamento da Geografia Moderna.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Faça uma releitura da aula, assim você perceberá a importância dos autores mencionados, pois ela está presente no decorrer de todo o texto.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula você vai trilhar os caminhos da Geografia tradicional e os movimentos que se incorporaram a ela. Também conhecerá a Geografia do século XIX, através das escolas geográficas.



AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. Geografia fin-de siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.